

AS REPRESENTAÇÕES SOBRE O CORPO NAS DÉCADAS DE 1950 E 1960 EM REVISTAS DE MODA.

Aluska Targino Dias*

Este artigo pretende analisar as representações sobre o corpo através de exemplares de revistas de moda (O Cruzeiro e Claudia) das décadas de 1950 e 1960. De como essas representações foram vivenciadas na Paraíba, mais especificamente em Campina Grande através de quatro entrevistas com pessoas que viveram sua juventude em Campina Grande, a escolha por jovens se explica porque é mais fácil lembrarmos o que fizemos na juventude do que na infância e também pela razão que a moda reverenciou/ reverencia a juventude, principalmente, a partir dos anos de 1960.

Por fim, gostaríamos de ressaltar a importância dessa pesquisa. É que as décadas de 1950 a 1960 trouxeram mudanças significativas, houve uma maior liberalização do corpo influenciado pelo movimento *hippie* e pelo movimento feminista.

1 – REFLEXÕES SOBRE O CORPO

A temática corpo é algo de enfoque na nossa contemporaneidade, pois o corpo é objeto de exposição, admiração, desejo e interferência pelos saberes – poderes, principalmente, o corpo feminino através das práticas discursivas da mídia e da sociedade de consumo, o corpo feminino é apresentado como espetáculo para o homem. Esse corpo desejado é muitas vezes “violentado” e explorado através das cirurgias plásticas para se obter um corpo proposto pelos anúncios publicitários.

O estudo sobre o corpo na história é algo recente, tornou-se alvo de pesquisa após o advento da Nova História Cultural que analisa o corpo como depositário de uma cultura, no qual atribuímos representações diferentes a esse corpo de acordo com o contexto sócio-cultural que o mesmo esta inserido. Não se trata de negar a importância biológica do corpo, mas nosso objetivo é compreender os significados históricos e antropológicos atribuídos ao corpo a partir do contexto social, cultural, religioso, etc.

* Graduada em História pela Universidade Federal de Campina Grande, Especialista em História do Brasil e Paraíba pela Faculdade Integrada de Patos.

Desde tempos mais remotos os homens e as mulheres (VALENÇA, HARGREAVES & KURY, 2005) tentaram se diferenciar do aspecto simples da natureza através de roupas, adereços cortes de cabelo, maquiagem e modificações permanentes no corpo como as cirurgias plásticas. Até mesmo em sociedade que os homens e as mulheres se apresentam com suas genitálias à mostra, seus corpos exibem adereços que os separam de outros animais ao mostrar uma preocupação com o corpo. Esses corpos estão sempre sendo resignificados no tempo.

Todavia, agindo dessa forma, homens e mulheres não só se diferenciaram da natureza, como criaram distinções entre eles. A roupa que é suportada pelo corpo mostra essas diferenças, por exemplo, apenas as mulheres devem usar saias, sapatos altos e não deve deixar o peito totalmente à mostra como os homens. Outra forma de diferenciação está relacionada ao clima, homens e mulheres de regiões mais quentes tendem a usar roupas mais curtas que deixa o corpo mais à mostra.

A associação do indivíduo com seu corpo pode variar também de acordo com a inserção social. Às vezes, essas distinções se apresentam no mesmo grupo social. Na elite brasileira há os que se consideram mais chiques porque a família é rica há bastante tempo e as consideradas mulheres “peruas” que seriam exageradas, de mau gosto, semelhante à forma Dionísica, já os ricos a várias gerações estariam mais próximos ao modelo proposto por Apolo na Grécia Antiga.

Ainda outra forma de diferenciação dos corpos, segundo os autores, está associada ao mundo do trabalho. Assim, para nossa sociedade alguém que anda de sapato alto, roupas caras, cabelos e unhas cuidadosamente preparados não deve ser um trabalhador braçal, mas alguém que trabalha com o público, nesses casos é comum preferirem mulheres jovens, já que elas representariam a beleza necessária para atrair o público.

A última forma de distinção que gostaríamos de ressaltar está relacionada às festas e rituais que contrapõem ao cotidiano das pessoas. Normalmente, as pessoas se vestem de maneira prática, aptas ao trabalho. Todavia, em festas como o carnaval o figurino muda, assim como em rituais como a morte.



Arquivo pessoal de Josefa Xavier.

Nessa imagem através da roupa e do penteado, notamos que se trata de uma ocasião especial mais especificamente a formatura da mulher retratada. O penteado alto presente na fotografia era comum seu uso em ocasiões especiais, esse penteado era feito com laquê, entre as pessoas que não podiam pagar um cabeleireiro ou possuíam poucos cabelos era usado esponja de aço para ganhar e manter o formato.

Na sociedade capitalista essas diferenciações são significativas, pois são consideradas “senhas” de acesso que o corpo possui, mostram se o indivíduo é aceito em um determinado ambiente, embora, a partir dos avanços dos cosméticos, das apropriações da moda e valorização da juventude torna-se cada vez mais difícil averiguar essas distinções, principalmente, em relação à idade.

Ainda o nosso corpo mostra nossa subjetividade, pois as roupas e os adereços podem ser compreendidos como uma extensão de nós mesmos a partir da imagem que queremos passar de nós. Um dos responsáveis pela constituição do corpo físico como subjetividade foi à mídia, na medida em que relacionou atributos corporais ao sucesso social.

VIGARELLO (2006) relaciona o corpo com a construção da subjetividade e dessa forma, analisa que as revistas demonstram auxílio para as pessoas encontrarem sua personalidade sugerindo roupas, maquiagens e acessórios como componentes da formação da personalidade, impulsionando, assim, o consumo.

A melhor forma de observação da subjetividade, segundo LIPOVETSKY (1989), é na adolescência, quando os adolescentes copiam seus astros para afirmar seu eu, já que é nessa fase da vida que formamos nossa personalidade. Ter um ídolo é mostrar, ambivalentemente, seu modo de ser, pois os ídolos simbolizam os mesmos valores da moda, ou melhor, as estrelas sacralizam modelos de aparência e subjetividade. Essas estrelas são produzidas pela mídia, seja na aparência ou na individualidade, que as pessoas “compram” as imagens para si. A atriz norte-americana

Marilyn Monroe, por exemplo, é a representação da personalidade feminina charmosa por “natureza”, sexy, inocente e vulnerável.

O corpo é constituinte de nossa personalidade e através dele nos relacionamos com o mundo, ou seja, a nossa aparência envolve fatores internos e externos. De acordo com Freud interpretado por COSTA (2005) somos aquilo que pensamos causar nos outros e usufruímos dessa condição. Mas, se existe o eu também existe o outro que na contemporaneidade é incômodo porque ele pode enxergar nossos desvios. Se nos sentirmos bem com o nosso corpo, temos medo que o outro nos inveje por não ter conseguido o mesmo; se sentimos mal, o outro nos olha, condena e humilha. Pois, são múltiplos os sentimentos que o olhar pode despertar.

Uma das formas de relacionar o corpo com o social é através das revistas de moda, a partir dela os homens e as mulheres modificam e resignificam seus próprios corpos através dos valores culturais de uma época. Afinal, as mulheres através da roupa proposta por essas revistas refazem por si o próprio corpo (BARROS, 2007), alongando pernas, aumentando o quadril, comprimindo a cintura. A cada moda uma parte do corpo é resignificada, valorizada, compreendida em sua sensualidade e sedução. Corpo e roupa estão amalgamados, já que o corpo serve como cabide para roupa e ao mesmo tempo através das revistas de moda que um ideal de corpo é exaltado.

2 - O BELO CORPO.

Segundo JUNIOR MAGALHÃES (2004), a partir da década de 1950, as pessoas não estão mais tão preocupadas em salvar a alma como em tempos anteriores, todavia, estão preocupadas mais com o corpo físico. O medo do inferno já não causa tanto medo, porém o que apavora são o peso e uma considerada má aparência.

As revistas de moda, dos anos de 1950, propunham um corpo mais provocante do que as décadas anteriores através de uma cintura fina, saias e vestidos tomara-que-caia que deixavam o colo e os ombros nus, atribuindo feminilidade e sensualidade à mulher, mas essas saias e vestidos atingiam no máximo os joelhos, portanto, saias menores representavam um insulto aos costumes da época.



Modelo “tomara-que-caia” com uma cintura fina de Roberto CAPUCCI de 1957 e de cor preta que para muitos essa cor representa sensualidade, assim como a cor vermelha.

O’HARA, Georgina. Enciclopédia da moda.

O cuidado com o rosto exigia uma maquiagem discreta, a atenção estaria nos lábios como símbolo de sensualidade como propunha os artigos publicitários. A maior referência de sensualidade nesse período era a atriz norte-americana Marilyn Monroe com seus lábios carnudos e entreabertos e assim, principalmente, algumas mulheres campinenses a imitavam, como uma forma de se diferenciar das outras mulheres, principalmente aquelas que vinham do sítio.

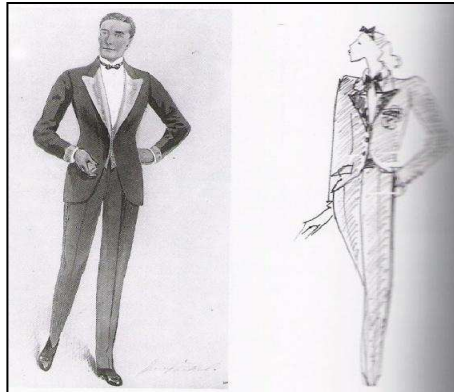


A imagem exemplifica a importância dada aos lábios como constituição da sensualidade feminina.

O Cruzeiro. 13 de novembro de 1954. P.5.

Com a chegada da década de 1960 as diferenças corporais entre o masculino e feminino através das roupas foram amenizadas, contudo elas não desapareceram. Os motivos dessa diminuição se explicam porque a moda passou a dar mais importância ao universo masculino, aumentando suas possibilidades. O uso de trajes considerados tipicamente masculinos como a calça, o smoking, a gravata e botas foram, a partir de então, utilizados por mulheres. O que não significa que às mulheres estavam se masculinizando, ou que os homens estavam querendo se igualar as mulheres, mas foi (re)apresentado um novo ser feminino e um novo ser masculino. As diferenças no

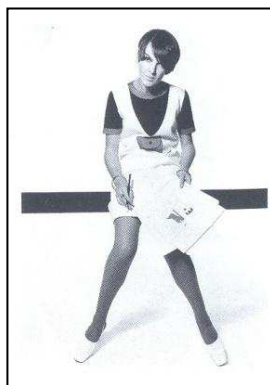
vestir-se entre os gêneros continuaram; um exemplo foi a não aceitação que o campinense conhecido como Pedro Canxa vestisse minissaia, resultando na prisão dele, segundo depoimentos. Enfim, não houve uma homogeneização das aparências masculinas e femininas, porém uma redução nas diferenças.



O *smoking* de dezembro de 1919 e a versão feminina de SAINT-LAURENT de 1966.

O'HARA, Georgina. Enciclopédia da moda.

Nesse momento, também houve uma maior liberalização do corpo através do movimento feminista, da divulgação da pílula anticoncepcional, dos *hippies* e da revolução sexual. Essas mudanças foram sentidas na forma de vestir-se, a exemplo das minissaias, ou seja, se as saias encurtaram foi porque mudanças culturais aconteceram que tornaram essa diminuição possível. As minissaias foram lançadas pelo estilista francês André COURÈGES, responsável pela roupa que garantia maior liberdade de movimento, independência, modernidade, ousadia e sensualidade ao mostrar as pernas. Mas, elas foram popularizadas através da estilista inglesa Mary QUANT, uma das maiores celebridades da moda nos anos 60.

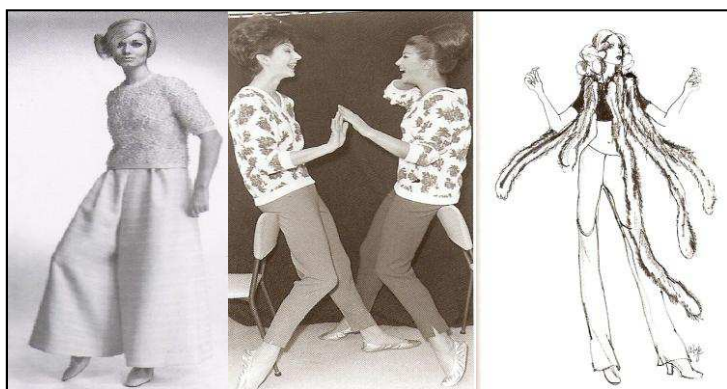


Mary QUANT, estilista dos anos 60, usando um dos seus modelos, fotografado por David BAILEY. Ela divulgou a minissaia em seu próprio corpo e a magreza da modelo TWIGGY e também apresentava uma aparência considerada moderna a exemplo da fotografia ao lado.

O'HARA, Georgina. Enciclopédia da moda.

No Brasil a maior representante da liberalização do corpo e modernidade foi à atriz Leila Diniz. Certa vez, apareceu na praia grávida e de biquíni, o que provocou estranhamento, já que as mulheres grávidas só podiam usar maiôs como traje de banho. A intenção da atriz era mostrar que a gravidez não era feiúra, nem indecência, contudo uma transformação natural no corpo da mulher que engravida.

Ainda nos “anos de 1960” foram criadas as calças femininas, inclusive o jeans¹, usado em todas as camadas sociais e idades e que possibilitava maior liberdade de movimentos. O jeans simbolizou e simboliza liberdade individual porque é uma peça do guarda-roupa que não precisa lavar tanto como as outras, é um tecido que pode ser usado em diversas ocasiões e que não precisa ser engomado constantemente, que pode ser sensual, uma vez que pode valorizar os contornos do corpo e ainda pode ser desbotado ou rasgado. Todavia, apesar dessas mudanças de valores houve resistência ao uso das calças por mulheres. Algumas mulheres foram proibidas de entrarem em um determinado lugar por estarem usando calças.



O'HARA. Georgina. Enciclopédia da moda.

Veremos respectivamente os modelos da saia calça longa de Alberto FABIANE (1968), da calça cigarette usada com sapatilhas e suéteres (1960) e a calça *saint-tropez* de Thea PORTER (1971). Todas elas garantiam maior conforto as mulheres comparado as saias.

Em meados da década de 1960 os *hippies* que eram jovens que na década de 1960 e 1970, rejeitavam os valores da sociedade de consumo, vestiam-se de modo não convencional (com influência da moda oriental), deixava crescer os cabelos, desprezava o dinheiro e o trabalho formal. Eles desejavam representar através do corpo uma forma de estar mais próximo da natureza do que os códigos sociais que eles desprezavam; assim, as meninas não usavam sutiã; usavam roupas gastas, batas indianas e acessórios

¹ O jeans foi baseado em calças usadas por italianos e norte-americanos durante o que convencionou denominar “conquista do oeste”.

coloridos e artesanais como bolsas e cintos com franjas, óculos redondos e não se depilavam. Os homens deixavam a barba crescer, já que cabelos cortados e coloridos e pêlos depilados representam civilidade e vida urbana, os quais desprezavam.



Janis JOPLIN, ícone do movimento *hippie* com toda sua irreverência, cabelos soltos ao “natural”, muitos acessórios e um bolero de crochê o que sugere que as roupas foram fabricadas manualmente.

www.letrasdemusicas.com.br/imagens/artistas/2654/119544458.jpg (acesso em 05/03/2008).

Os efeitos do movimento *hippie* contribuíram para mudar a lógica da moda, no sentido que desejava uma mudança no sistema autoritário da época, com sua ideologia “libertária”, individualista e hedonista como a moda de consumo caracterizada pela roupa *prêt-à-porter*².

Por outro lado, havia no Brasil, as “chacretes”³ e seus modelos com poucas roupas, representando modelos de erotismo, principalmente, através das nádegas para desgosto das feministas. Aqui, percebe-se que a moda e o movimento feminista estão interligados, ora como aliados, ora como oponentes. Essa nudez das chacretes se explica porque no decorrer do século XX a mulher se “despiu” em público influenciada pela mídia e periódicos que concebem a mulher como um objeto, um belo animal feita para agradar os homens, ou seja, até o que há de mais íntimo no corpo feminino é revelado como as nádegas. Mas nem todos concordam com essa concepção, pois alguns consideram a nudez feminina em público como artística, de acordo com NIETA (2009).

No mundo capitalista contemporâneo, o corpo jovem é valorizado em detrimento da velhice, diferente de tempos anteriores em que uma filha queria parecer com a mãe. A partir da década de 1960, o oposto acontece.

² Roupa pronta.

³ Dançarinas do programa do conhecido Chacrinha, a etimologia remete a palavra francesa *vedete*.

No tocante ao rosto não mais a boca é o lugar destacado, mas sim os olhos que, normalmente, foram valorizados através do delineador preto e do rímel também preto, como percebemos na prática discursiva da revista CLAUDIA (MAIO DE 1969): “o que se vê primeiro em uma mulher são os olhos”. Essa mudança, possivelmente, deve-se às inovações da maquiagem, embora fosse contestada porque artificializaria as mulheres, contudo não deixou de ser utilizada por um grande número delas. Hoje também os homens utilizam da maquiagem para embelezar-se, entretanto não é tão utilizado quanto no meio feminino.

Pensar o corpo como mercadoria proposta pelas revistas de moda, garantidor, segundo ela, de sucesso é concomitantemente refletir sobre os outros corpos que foram negligenciados, discriminados e enxergados como “estranhos” pelas revistas de moda como os/as gordos/gordas, os/as negros/negras e os/as idosos/idosas. Em um anúncio publicitário da revista CLAUDIA (AGOSTO DE 1969) aparece que “o gordo não é amado; é suportado” e assim, mostra vários exemplos de homens estereotipados como belos e todos magros, mas de acordo com a revista esse fato pode ser modificado, basta o cuidado com o corpo através do adoçante *suita* que o homem se faz belo. Portanto, percebemos o preconceito em relação aos gordos, os cuidados do eu proclamados nessas revistas ao convidar as pessoas a usarem adoçante invés do açúcar e a relação de um corpo perfeito com sentimentos, nesse caso de felicidade e amor como se ambos fossem uma busca, algo exterior a nós.

Enfim, são várias as formas de retratar o corpo, uma delas é através da beleza. Esse trabalho procurou pensar como é possível fazer essa junção, o impossível é não fazer. Para o trabalho, utilizamos o conceito de representação como à personificação do referente e dessa forma, articulamos livros, revistas e depoimentos na construção de uma narrativa sobre as representações. Utilizamos mais precisamente alguns exemplares de duas revistas: a revista Claudia que teve sua primeira publicação em 1961 e circula até hoje e a revista O Cruzeiro que teve sua primeira publicação em dez de novembro de 1928 e perdurou até a década de 1970, sendo considerada a principal revista ilustrada brasileira do século XX.

Nelas constatamos que na década de 1950 a sensualidade estava aflorada com a sua principal representante Marilyn Monroe com suas roupas provocantes ao mostrar os

contornos do corpo, o colo, roupas escuras em contraste com sua pele branca e sua boca saliente apresentada em batons escuros. As revistas convidavam, principalmente, as mulheres, a cuidarem do corpo através de exercícios, cosméticos, maquiagens e roupas.

Quanto à década de 1960, as roupas sugeriram maiores liberdades de movimentos como as minissaias e as calças. A sensualidade feminina se focalizou nas pernas. No rosto, os olhos ganharam destaque.

No sentido de industrialização, notamos uma diferença entre Campina Grande e a Europa (centro da moda) e até mesmo no sul do país. Enquanto, nestes locais, desenvolveram-se a roupa industrializada; na Paraíba, ainda os homens e as mulheres procuravam as costureiras para confeccionarem suas roupas. Doravante, as revistas associaram a obtenção do corpo sugerido pelas revistas com sucesso profissional e afetivo.

FONTES E BIBLIOGRÁFICA

1. FONTES PRIMÁRIAS

1.1 REVISTAS:

Claudia. n. 92. Maio de 1969. Sp.

Claudia.n. 93. Junho de 1969. Sp.

Ninguém ama um homem gordo. Claudia. n. 95. Agosto de 1969 P. 137.

O Cruzeiro. 13 de novembro de 1954. P. 5.

2. LIVROS, ARTIGOS, MONOGRAFIAS E DISSERTAÇÕES :

ALMEIDA, Luciana Sampaio Batista Lacerda de. Os corpos em (Re) vista – identidades, corpolatria e felicidade nos discursos midiáticos na contemporaneidade. Monografia em História pela Universidade Federal de Campina Grande. Campina Grande – PB, 2007.

BARROS, Natália Conceição Silva. As mulheres na escrita dos homens: representações de corpo e gênero na imprensa do Recife nos anos vinte. Dissertação de Mestrado em História pela Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.

BURKE, Peter. O que é historia cultural? Tradução: PAULA, Sergio. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. Título original: What Is Cultural History.

CERTAU, Michel de. A operação historiográfica. A escrita da história. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CHARTIER, Roger. A História Cultural: Entre práticas e representações. São Paulo: DIFEL, 1990.

COSTA, Jurandir Freire. O VESTÍGIO E A AURA: corpo e consumismo na moral do espetáculo. 4 ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

KOSSOY, Boris. Fotografia & História. 2 ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

KURY, Lorelai; HARGREAVES, Lourdes & VALENÇA, Máslova Teixeira. Ritos do corpo. Rio de Janeiro: SENAC Nacional, 2005.

LE BRETON, David. Adeus ao corpo: antropologia e sociedade. Tradução: APPENZELLER, Marina. Campinas, SP: Papyrus, 2003.

LIPOVETSKY, Gilles. O Império do Efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas. – São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

MAGALHÃES JUNIOR, Antonio Germano. Sarados, malhados, doentes e bombados: os discursos das academias e o controle dos desejos. In: MAGALHÃES JUNIOR, Antonio Germano (organizador). Corporeidade: ensaios que envolvem o corpo. Fortaleza: Editora UFC, 2004.

MATOS, Maria Izilda S. de & SOIHET, Rachel. O corpo feminino em debate (Orgs.). São Paulo: UNESP, 2003.

NIETA, Ana Sánches de La. A moda é uma arte. Disponível em <[http://www.portaldafamilia.org.br/artigo 252](http://www.portaldafamilia.org.br/artigo%20252). Acesso em: 01 de julho de 2009.

ORTEGA, Francisco. O corpo incerto: corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea. Rio de Janeiro: Garamind, 2008.

O' HARA, Georgina. Enciclopédia da moda: de 1840 à década de 80. Tradução: CARVALHO, Glória Maria de. – São Paulo: Companhia das Letras, 2002. Título original: The encyclopedia of fashion.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História & História Cultural. - 2 ed. – Belo Horizonte: Autêntica, 2004 (Coleção História &... Reflexões, 5).

ROCHE, Daniel. História das coisas banais. Rio de Janeiro: Rocco, 1990.

SOARES, Carmem Lúcia (organizadora). Corpo e História. 2 ed. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2004 (Coleção educação contemporânea).

RELAÇÃO DAS ENTREVISTAS:

Entrevista nº 1, mulher, nascida em Natuba (PB), foi professora na década de 1960 e hoje é diretora de uma escola, a entrevista foi concebida no dia 08/09/2007.

Entrevista nº 2, mulher, nascida em Timbaúba (PE), doméstica, a entrevista foi concebida em setembro de 2007.

Entrevista nº 3, homem, foi professor em fins da década de 1960 e hoje é diretor de uma escola, a entrevista foi concebida em 04.03.2008.

Entrevista nº 4, mulher, foi vendedora de uma boutique em João Pessoa em fins da década de 1960 e hoje é coordenadora de uma escola, a entrevista foi concebida em março de 2008.